

CLIENTE: CBH-DOCE
VEÍCULO: Estado de Minas
DATA: 22/11/2015

[Leia a reportagem no site](#)

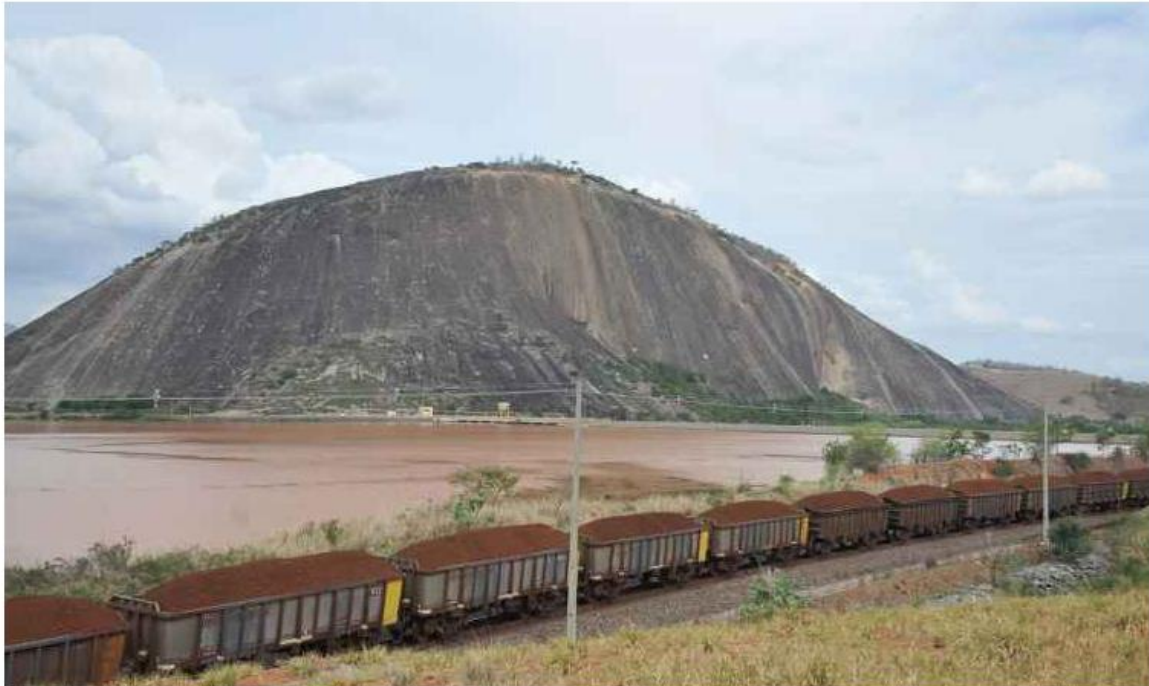
em.
com.br | Gerais

Rio Doce é o retrato da maior tragédia ambiental do Brasil

Ribeirinhos, agricultores, peixes, gado e animais silvestres integram longa lista de atingidos pela catástrofe que alcançou o Oceano Atlântico pelo leito do Rio Doce. Uns não podem mais usufruir das águas. Outros morreram vítimas delas

🕒 postado em 22/11/2015 11:00 / atualizado em 22/11/2015 12:32

👤 Paulo Henrique Lobato - Enviado Especial



Minério dentro e fora da correnteza: carregamento passa às margens das água tingidas do Doce perto da Usina de Aimorés (foto: Alexandre Guzanshe/EM/D.A Press)

Rio Doce, Santa Cruz do Escalvado, Periquito, Galileia, Resplendor e Aimorés – Juliano Reis, um pescador profissional de 38 anos, parece não acreditar no que os próprios olhos avistam no encontro das águas que dá origem ao Rio Doce: “Tinha uma capoeira, onde ficavam as capivaras, bem ali, no encontro do Rio Piranga com o Carmo. A lama destruiu tudo, arrastou e matou os bichos. Não tem como a gente se conformar com o que ocorreu”. Ele se refere ao tsunami de rejeito de minério liberado pelo estouro da Barragem do Fundão, em Mariana, de propriedade da Samarco, uma joint venture entre as gigantes do minério Vale e a anglo-australiana BHP Billiton. Mas não foi a vida aquática a única sufocada: o desastre devastou matas ciliares e mudou a fauna às margens do rio. Lugares que eram habitados por lontras, patos selvagens e outras espécies agora são ocupados por montes de rejeito mineral, em um crime ambiental mapeado pelo **Estado de Minas** em todo o trajeto mineiro do Rio Doce.

Prefácio Comunicação Ltda. - CNPJ: 88.713.211/0001-97

Rua Dr. Sette Câmara, 75 - Luxemburgo - 30380-360 - Belo Horizonte - MG - Tel.: (31) 3292 8660 - prefacio@prefacio.com.br



O que o pescador observa, entre revoltado e incrédulo, é resultado da passagem de um turbilhão de cerca de 60 milhões de metros cúbicos de resíduos, despejado na natureza pela catástrofe. O desastre devastou povoados de Mariana, invadiu a cidade vizinha de Barra Longa, matou pelo menos 12 pessoas e deixou 11 desaparecidas. É a maior tragédia ambiental em Minas Gerais e no país, e, no mundo, o maior desastre da mineração. “Mais de 120 nascentes foram soterradas”, lamenta Carlos Eduardo Silva, diretor do comitê federal da Bacia do Rio Doce, o maior curso d’água que corre exclusivamente no Sudeste brasileiro, com 853 quilômetros de extensão.

O Doce nasce do encontro dos rios Piranga e do Carmo, na divisa dos municípios de Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado, a menos de 200 metros da casa do pescador Juliano. O lugar, a cerca de 100 quilômetros do estouro da barragem, “parecia um paraíso”, como descreve o ribeirinho. Virou um inferno de barro e morte. A lama causou estragos imensuráveis ao longo do curso d’água. Da origem à Represa de Candonga, em uma extensão de cerca de 10 quilômetros, as duas margens foram ocupadas por montes de restos de minério.

Os peixes e as capivaras que viviam próximo à casa de Juliano foram as primeiras vítimas no Doce. “Não há mais capivaras aqui”, lamentou. Um emaranhado de troncos com cobertura de barro ocupou tanto a capoeira em que os animais costumavam descansar quanto as margens do rio, onde o gado buscava água fresca. Os rejeitos devastaram toda a vida aquática nesse trecho do leito. Em todo o Rio Doce, populações inteiras de peixes sucumbiram à lama.

Onze espécies endêmicas da bacia já estavam em risco de extinção. Agora, o perigo de elas desaparecerem ficou maior. “O surubim-do-doce, por exemplo, desapareceu de quase toda a bacia em razão da pesca. Ainda há registros dele no Piranga e no Santo Antônio (afluentes do Doce). Esse animal vive entre pedras e no fundo, a área mais afetada pela lama”, informou o biólogo Fábio Vieira, com doutorado em ecologia e um dos maiores especialistas na ictiofauna da Bacia do Rio Doce.

Sede à beira do curso barrento

O desastre prejudicou produtores, como Armando Raimundo, de 57. “O pasto virou lama. Os bichos correm o risco de atolar e morrer. E não podem beber a água do rio. Não sei como vou fazer para continuar a criação.” Os rejeitos expulsaram animais das margens. E levaram pescadores a ancorar canoas por tempo indeterminado, como fez José Gomes de Oliveira, de 62.

Ele mora em Periquito, no Vale do Rio Doce, onde o desastre causou desabastecimento de água até para consumo humano. Mas o que mais preocupa José é a falta de peixes no rio. “Tinha curimatã demais por aqui. Agora, não há nenhuma. Nada mesmo. Nenhum bicho sobrevive nessa água.”

Memória

Origem

O Rio Doce foi uma espécie de estrada usada por bandeirantes para colonizar terras então inóspitas, que hoje integram o Leste de Minas e o estado do Espírito Santo. O primeiro contato dos europeus com o leito foi em 13 de dezembro (Dia de Santa Luzia) de 1501. Em razão da data, o curso d'água foi batizado com o nome da santa protetora da visão. Séculos depois, passou a ser chamado de Rio Doce.